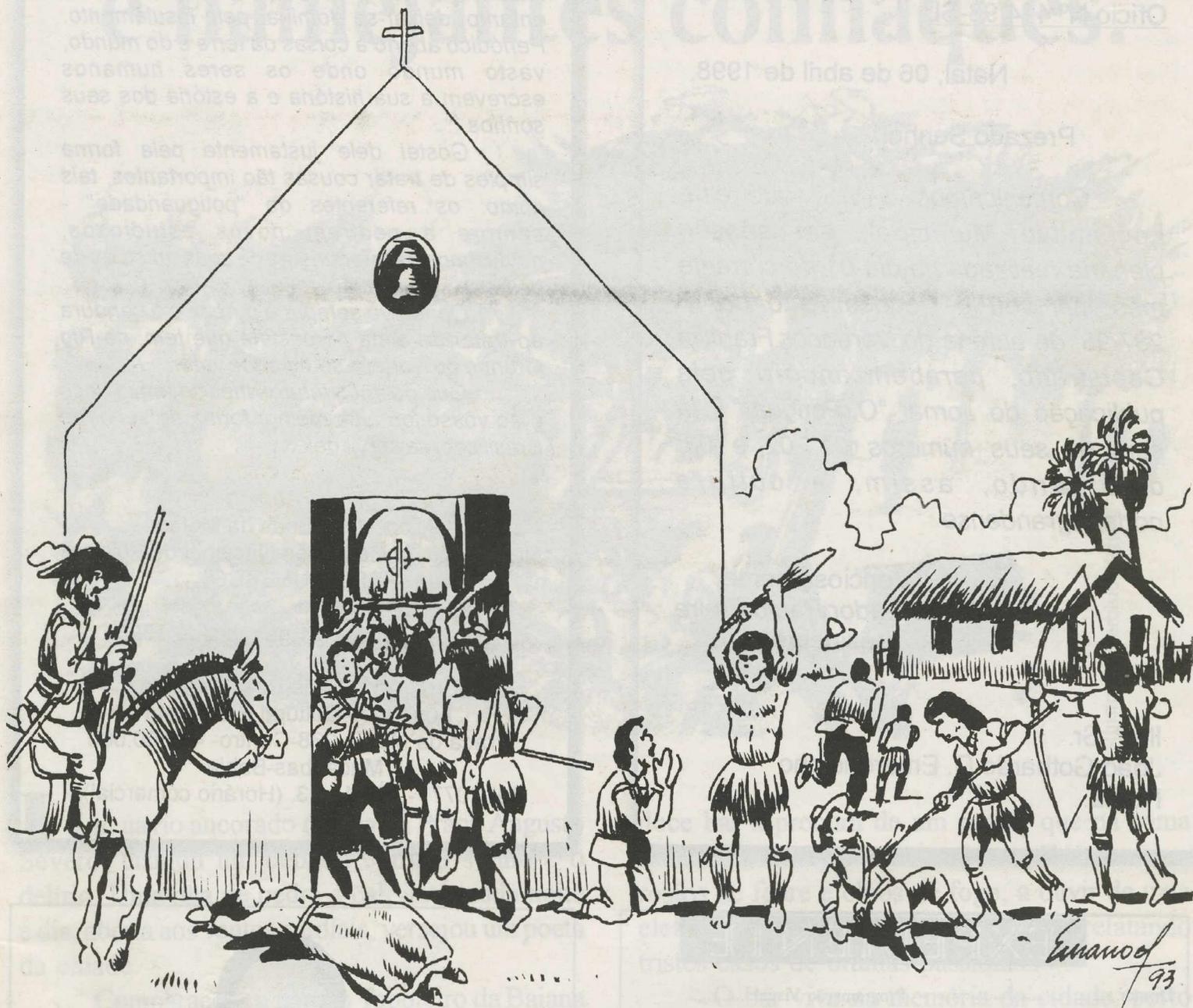


O Potiguar

Ano 1 Nº 05

Abril/Maio 98



A Redenção de Cunhaú



Cartas

Estado do Rio Grande do Norte
Câmara Municipal do Natal
Palácio Padre Miguelinho

Ofício Nº 414/98-SL

Natal, 06 de abril de 1998.

Prezado Senhor,

Comunicamos a V.S^a que este Legislativo Municipal, em sessão plenária realizada no dia 01 do corrente mês, aprovou o Requerimento de nº 287/98, de autoria do Vereador Franklin Capistrano, parabenizando-o pela publicação do Jornal "O Potiguar", já com os seus números 01, 02 e 03, divulgando, assim, a cultura norterio-grandense

Atenciosamente,
Vereador Paulo Freire
presidente

Ilm^o. Sr.
João Gothardo D. Emerenciano
Nesta.

Meu Caro João Gothardo D. Emerenciano:

Acabo de tomar conhecimento do seu simpático jornal - nº 1- cujo título O Potiguar já é um indicador de sua vocação telúrica, sem, no entanto, deixar-se dominar pelo insulamento. Periódico aberto à coisas da terra e do mundo, vasto mundo onde os seres humanos escrevem a sua história e a estória dos seus sonhos.

Gostei dele justamente pela forma simples de tratar cousas tão importantes, tais como: os referentes da "potiguaridade" - sempre a pedirem novos estudiosos, novíssimos escafandristas de seus abismos de beleza e significação.

Conserve sempre a pureza e a candura ao tratar da alma nordestina que tem, no Rio Grande do Norte, o seu grande vetor.

Que os anos futuros lhes sejam, a você e ao vosso jornal, a melhor forma de servir ao Brasil sem se servir dele.

Abraço

Ático Vilas-Boas da Mota.
Presidente da Comissão Nacional de Folclore,
(IBECC-UNESCO)

Rio de Janeiro, 21 de maio de 1998.

Prof. Ático Vilas-Boas da Mota
Fundação Cultural Prof. Mota
Praça da Matriz-238-Centro- 46.500.000
Macaúbas-Bahia
Tel. (077) - 463 12.93. (Horário comercial).

EXPEDIENTE

Diretor.....	Programação Visual.....
-João Gothardo D. Emerenciano	-Arandi Sales
Editor.....	-Fellini Publicidade
Moura Neto	Gerente comercial.....
Revisão.....	-Carlos Frederico Lucas da Câmara
-João Gothardo D. Emerenciano	Impressão.....
-Giuliano Emerenciano Ginani	-Gráfica Nordeste.



Avenida Prudente de Moraes, 625 - Tirol Natal/RN - CEP:59 020-400



HIPÓCRATES
COLÉGIO E CURSO

1999 - Ano do Quatrocenário da
Cidade do Natal

Rua Jundiá, 421 - Tirol - Tel.: (084) 222-4367
Natal - Rio Grande do Norte

No Taboleiro da Baiana, boêmios, envoltos num halo de bem-aventurança, bebiam transparentes cervejas e flamejantes conhaques.

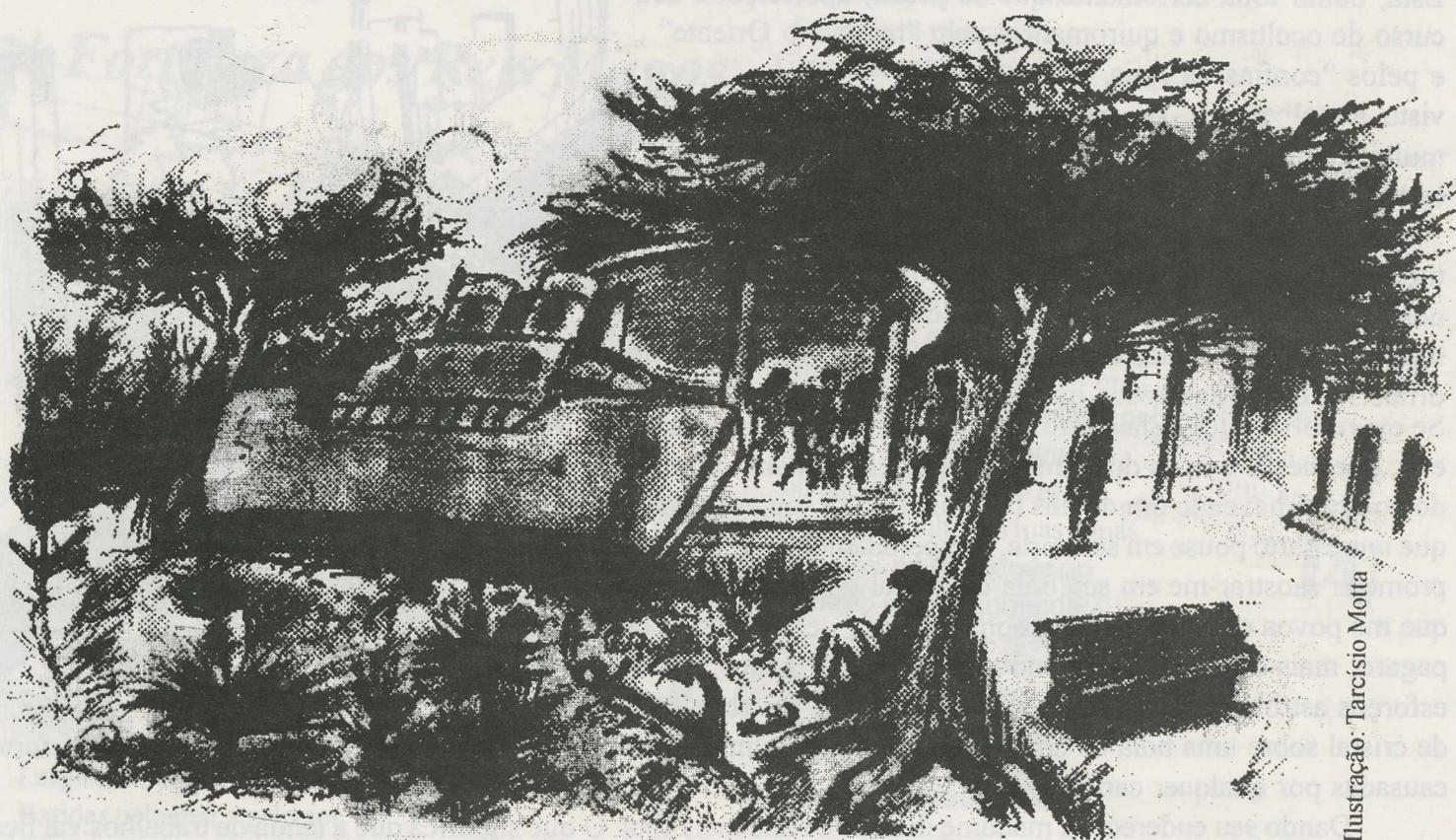


Ilustração: Tarcísio Motta

Um navio ancorado dentro da Praça Augusto Severo, cismou um bêbado entre o sonho e o delírio. Uma ilha de pedra e cal, devassada noite e dia, aberta aos ventos cardiais, versejou um poeta da cidade.

Comparações a parte o Taboleiro da Baiana tinha pão e café matinais para os que vinham da madrugada. Durante o dia era pouso de viajantes e passantes apressados, nas horas de suor e mormaço, suavizadas por uma brisa viajeira vinda dos lados do rio Potengi.

As mulheres da Ribeira, como ovelhas tresmalhadas, chegavam com a noite, fluindo das transversais Dr. Barata e Sachet, aportavam ao

doce bar à procura de um pastor que na cama saciasse a fome do sexo em brasa. E lá ficavam, rostos de febre e olhos de fogo, a ouvir de uma eletrola americana tangos e boleros relatando tristes casos de dramas passionais

O bar vive na memória da cidade, porto seguro onde os boêmios, às vezes envoltos num halo de bem-aventurança, bebiam transparentes cervejas e flamejantes conhaques.

Éramos os guardiões do Taboleiro da Baiana até a hora em que, numa aura de liturgia, na sua varanda sem portas e janelas as impurezas da noite eram lavadas pelas águas da luz solar

A cartomante da minha rua

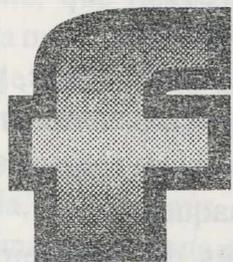
Minha rua está muito melhorada. Imaginem que ela, agora, tem cartomante própria. Sim, estabeleceu-se lá, perto de mim, há coisa de uma semana, e já está oferecendo seus préstimos não somente à minha rua, mas a toda cidade e quiçá a todo o Estado. Domingo, último, um boletim de propaganda dessa vidente veio parar em minhas mãos, trazido por uma jovem que crê que a minha vida anda um tanto misteriosa e está necessitando da luz dos astros.

Olho o boletim da madame, cujo nome revelarei apenas as pessoas interessadas em fazerem alguma consulta. Esta, como toda cartomante que se preza, aperfeiçoou seu curso de ocultismo e quiromancia pelo "milenário Oriente", e pelos "confins da Ásia, berço das ciências ocultas", visto, a mulher, com capacidade de por a limpo a vida de muita gente, resolvendo dramas íntimos que, por acaso, estejam perturbando o bem estar do nosso espírito.

Bendita seja essa madame (que decerto, também usa turbante e tem africanas pesando nas orelhas e anéis cintilando nos dedos), que vem plantar a felicidade na minha Natal, mas antes, na minha rua, resolvendo, como promete, crises domésticas, negócios difíceis e casos amorosos que embaracem corações intranquilos. Se ela resolve estes, estão muito bom. Vai ganhar alguns clientes já e já, porque eu e mais dois amigos meus não andam muito bem do coração, havendo um de nós (não de digo se sou eu) temendo que um enfarto pouse em sua sorte, inesperadamente. Se a madame prometer mostrar-me em sua bola de cristal o rosto santo daquela que me povoa os pensamentos (bons e maus), nestes dias de calor, pagarei mais do que ela pede no prospecto (tão pouco, para seus esforços astrológicos). Porque, afinal de contas, ver aqueles olhos de cristal sobre uma bola de cristal, a emoção em mim será muito forte. E por eles, eu resisto às emoções fortes causadas por qualquer cartomante.

Dando seu endereço, a madame diz que é residência fixa. O que significa que a tenda de trabalhos vai ficar estendida durante muito tempo, sentindo muitos sóis e Infejala por muitos ventos. Porque decerto, a vidente de minha rua não pensa tão cedo em regressar ao Oriente.

Berilo Wanderley



FLAMA
Comunicação

Assessoria,
Editora
&
Gráfica

Rua Bol. Torres Cordeiro, 724 - Centro Ato - Natal RN
Fone: (054) 211.0723 / 221.1079 - Fax: (054) 272.5833



Cozinha regional - os melhores
petiscos da cidade

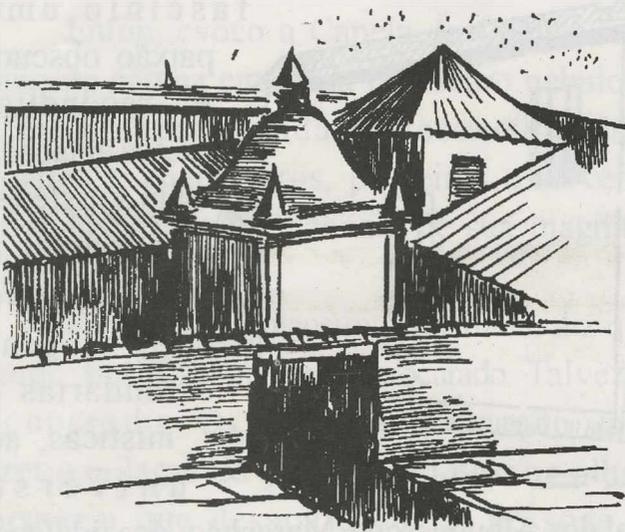
Funcionando de 2ª a 6ª feira

Shopping Ladeira 578 - Av. Rio Branco, 878, Centro



Canto da Ema

A Fortaleza dos Reis Magos



Largas muralhas, rijas e pesadas,
Batidas pelo mar e pelo sol,
Sustendo sobre abóbadas e arcadas
A branca e esguia torre do farol.

No abandono, sem armas nem paiol,
O Forte - lutador de eras passadas -
Vê desfilar, das vagas no lençol,
O pacato cortejo das jangadas

Em segredo conserva o poema antigo
Das guerras holandesas, das batalhas
Sustentadas com o bártavo inimigo...

Vezes, porém, parece que se alteia,
Perdida no silêncio das muralhas,
A voz de Pedro Mendes de Gouveia.

Antônio Soares

Rio Potengi

Potengi
rio grande e verde
verde-musgo de limão
e azul-caramanchão
que vai seguindo
a lei da geografia
e de uma cultura
a evolução

Não sei se outros te viram
como eu te vejo agora
impuro com detritos
por talvez não te olhares
como rio da cidade
e já com alguns poetas
te lembrando como tal

Aqui pra nós eu sei
o lado bom que tens
o gosto salgado de mar
em seres rios para meninos pobres
homens sujos de manguê
ou andrilhos que vão e vêm
e tomam banho em tuas águas
por teres no interior de rio
coração grande correndo
atrás da felicidade
de poder voltar

E seres rio grande
e verde-musgo de limão

Afranio Pires Lemos (1953)



Ilustrações: Newton Navarro

O RENASCIMENTO DE CUNHAÚ

Câmara Cascudo, em sua Acta Diurna publicada em "A REPUBLICA", em 13 de outubro de 1945, dizia:

"Não há trecho de terra mas sagrado para nós. Foi o primeiro núcleo industrial da Capitania e a região mais revirada pela guerra e molhada de sangue. Ali viveram os filhos descendentes do fundador da Cidade do Natal. Ali viveu na tranqüilidade André de Albuquerque.

Lutas, festas, crimes, atrocidades, riquezas, alegrias, orgulhos, poderio, tudo passou como poeira ao vento solto.

Restam as ruínas negras, guardando a lembrança sem pausa do martírio. Sem túmulo, rondam, no silêncio da noite tropical, as almas dos sacrificados.

A Capela era o cemitério aristocrático dos Albuquerque Maranhão. É um altar inteiro, devocinário de religião instintiva, como os heróis que se dedicam ao Deus do Céu e ao Rei da Terra".

Em 1985, a Capela de Cunhaú foi restaurada pela Fundação José Augusto com o apoio das Fundações Pró-Memória e Roberto Marinho. A tarde festiva do seu ressurgimento,

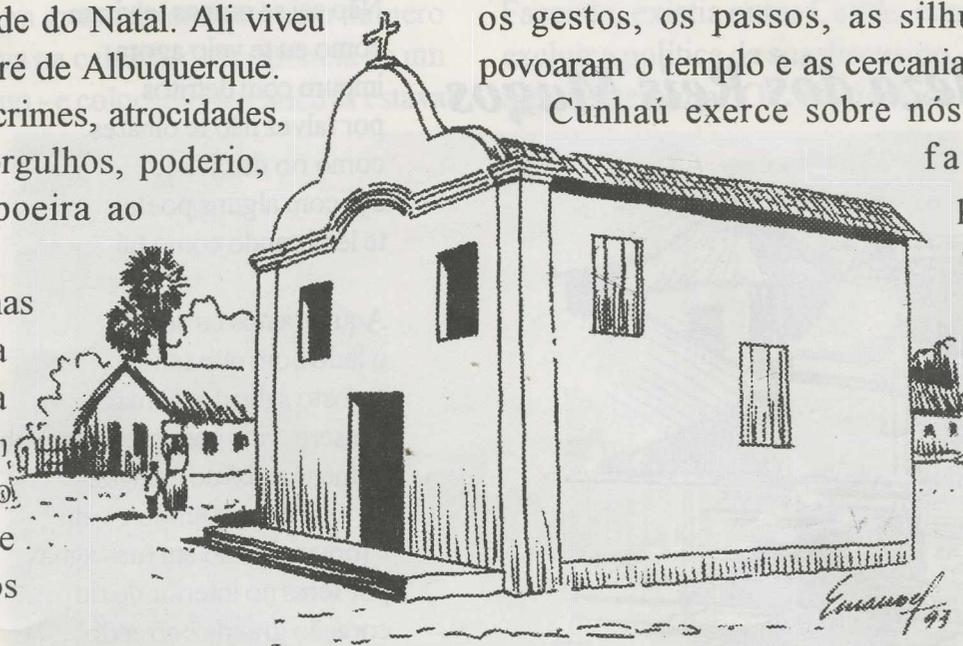
foi a maior emoção que vivi ao longo dos cinco anos que passei na F.J.A.

Ali há o convívio equilibrado entre o místico e o humano. Território livre da fantasia, Cunhaú é o grande palco onde melhor se revela a alma de uma época e os seus valores essenciais. Numa singular procissão de lembranças, hoje, os gestos, os passos, as silhuetas dos que povoaram o templo e as cercanias se eternizam.

Cunhaú exerce sobre nós um poderoso

fascínio, uma paixão obscura e recôndita, nunca aplacada nem satisfeita, a conduzir a imaginação em viagens lendárias e místicas, ao universo

feudal dos Albuquerque Maranhão, dos fidalgos, dos colonos, dos escravos, dos religiosos, dos índios e dos invasores, como se tudo ainda estivesse suspenso no ar, como nos versos de Manoel Bandeira. A reflexão dessas paredes da Capela de Nossa Senhora das Candeias nos conduz a essa pátria dos sonhos, terras das ilusões, de almas taladas à ferro e a fogo, como se fora um desejado e atingível paraíso perdido.



- UNBEC -

COLÉGIO MARISTA DE NATAL

100 Anos de tradição

Rua Apodi, 330 - Cidade Alta - Natal/RN - 59020-130 - Fone: (084) 211-55005 - Fax: (084) 212-1216 - <http://www.natal-marista.com.br> - natcpd@natal-marista.com.br



Enfim, evoco a Capela de Cunhaú, neste canto de página emergida do escuro nebuloso e mágico, engrandecida na reconstituição de arquitetos, engenheiros, pedreiros e serventes, todos historiadores manuais de sua magnitude esplendorosa.

Hélio Galvão, à maneira proustiana, diz que o tempo perdido pode ser procurado. Talvez até recuperado. O poder da evocação pode fazer o milagre de repassar ao nossos olhos a paisagem que desapareceu, as pessoas que já não vivem ou refuir aos ouvidos a voz emudecida e trazer de novo à memória, aos pedaços, episódios, fatos, gestos, modos que não vimos nem participamos.

A necessidade de restauração da Capela era um desejo acalentado há muito tempo. A decisão política culminou com a determinação do então Presidente da SPHAN-Pró-Memória,

Dr. Marcos Vinícius Vilaça, através da visita à mesma conosco acompanhado, em princípio de 1985. Adotamos como critério a reincorporação dos elementos antigos constituintes da mesma, como a lápide, a pia de água benta, local do sino e finalmente a imagem de Nossa Senhora das Candeias, sua padroeira, com a finalidade de mantermos acesa, para gerações futuras, a chama que testemunha nosso passado histórico.

Ver a Capela hoje é ouvir, é sentir. Por isso, ouçamos Cascudo novamente que dizia em 1949, pedindo a sua restauração:

“O Forte dos Reis Magos e Capela de Cunhaú tem sido constantes tão vivas e permanentes na minha atividade provinciana como os dois movimentos fisiológicos da respiração.

A Capela de Cunhaú é o santuário do Rio Grande do Norte. Lugar de morte pelo ódio e em louvor da fidelidade à tríade antiga consagradora, a DEUS, ao Rei e à Família”.

Era a antevisão de Cascudo 45 anos atrás. O apelo emocional depois atendido.

A Fundação José Augusto, ao restaurar em 1985 aquele relicário ressuscitou um desfile sonoro, a paisagem das almas, o firmamento de sonhos, o chão dos túmulos que guardam os espíritos. Enfim, resgatou a memória histórica do Rio Grande do Norte.

Valério Mesquita



EMSERV

Empresa de vigilância e Transporte de Valores Ltda.

Av. Campos Sales, 682 - Tel.: (084) 211 4955 - Natal/RN
Rua Epitácio Pessoa, 527 - Bom Jardim - Mossoró/RN

Deputado

Valério Mesquita

1998
ano do centenário de
Luís da Câmara Cascudo



A morte do alegre Fulgêncio

Fulgêncio Cardoso, chamado Fulgêncio Mocotó por ter jarretes inchados, era um mulato alto como uma carnaúba e torcido a jeito de cipó. Vivia de ser irmão do tenente Brasília, o dono de Santa Madalena, fazenda de invejar aos anjos. E só. Era o melhor exemplo da madraçaria. Passava o santo dia prosando de porta em porta, almoçando com o vigário e terminando a tarde, antes da palestra noturna, lendo História de Carlos Magno à sombra do juazeiro da Coletoria. Isto assim: tira ano, bota ano.

Mas o Fulgêncio Mocotó era indispensável nas prosas. Pessoa podia ter graça até emparelhar com ele. Mais, não. A especialidade de Fulgêncio era mentir. Mentir, não. Inventar histórias, criar casos, arranjando partidas, fingindo zangas, cóleras e mau humor no intuito dos temas que ia desenvolver.

Foi ele que desarrumou a fama de valentia que o cabo Porfirio jactava. Voltando duma caçada, já deitados no rancho, Fulgêncio descobriu uma cobra de coral, morta. Trouxe-a e colocou-a junto das alpercatas do porfirio e cercou-as de espinho de xique-xique. Depois gritou:

-Uma cobra! Uma cobra, gente...

O cabo e os companheiros saltaram das redes, tontos de sono, no pavor do ofídio. Logo o largo e apratado pé de Porfirio calcou os espinhos. Berrou que estava ferido. Fulgêncio jogou fora os estrepes e examinou as palmilhas do assombrado militar.

-Virgem Maria, seu Porfirio. Você está mordido!

O outro fez-se branco, amarelo, cinzento.

-Que vamos fazer? - salmodiava o troteador. Aqui não tem remédio! Nossa...

Porfirio, vencedor de mil encontros com os mais arrojados cangaceiros, desatou a chorar e a tremer, esvaído em suor e queixas. Finalmente Fulgêncio fê-lo beber água destemperada com tudo quanto foi porcaria próxima.

Dalí em diante foi o herói. Em compensação multiplicou a habilidade de trôçar do próximo. Tirante o vigário, todos os demais foram vítimas do engraçado sertanejo.

Mas um dia esgotou-se o repertório. A imaginativa e vivacidade do matuto emudeceram. Pensou umas semanas e recomeçou. Desta vez a vítima era ele próprio.

Uma noite surgiu na casa do Coletor às horas da reunião costumeira. Entrou na carreira, pálido, suado, resfolegando. Pulou no meio dos palestradores e erguendo a mão mostrou-lhes dois riscos em meia lua, logo abaixo do polegar.

-Foi cobra!... Estou perdido!... Meu Deus!

Os amigos perderam a cabeça. Foi um nunca acabar de remédios, de ajudas, de exclamações. De repente, Fulgêncio Mocotó desatou a rir, a rir doidamente mostrando os riscos vermelhos e ameaçadores:

-Deixem de ser bestas, isto é risco de jurema, seus bestas...

E os matutos riram. Repetiu duas vezes esta história. Chegou mesmo a enganar na terceira. Trouxe espuma na boca, espolinhou-se na sala, derrubou o vigário no ímpeto de agarrar-se a ele. Uma perfeição.

Descobriu outra modalidade. Armas. Armas terríveis, bem azeitadas, luzentes, que ele agitava no ar num arreganho de ódio e ferocidade. Chegava na roda, enfiava conversa, ia indo até discordar de qualquer presente. Arrancava a arma da cinta, num uivo de ira.

-Ah... seu cachorro! Espera aí! - e precipitava-se dum salto sobre o pacato contendor. Os sertanejos seguravam-no e, num momento, estava Fulgêncio desarmado e rindo. Se era revólver, faltava o cilindro; se era garucha, não tinha o gatilho. E todos riam...

Ainda explorou casos de assombração. Fez-se alma do outro mundo, prometendo dinheiro escondido no cemitério, no patamar da igreja, no muro das velhas casas abandonadas. Meses depois estava Fulgêncio desmoralizado. Inteiramente

desmoralizado. Histórias que ele contasse era mentira. Também, as histórias que ele contava eram deste jeito:

-Você está falando de fruta azeda? Qual!... Não sabe o que é. Lá na fazenda de Brasília tem uma laranjeira de que ninguém chupa laranja. Por que? Eu lhe conto. Um dia destes, para experimentar, descasquei uma e sacodi para uma vaca que ia passando. Sabe o que sucedeu? A vaca mordeu a laranja e fez uma careta tão grande que os chifres encostaram um no outro até hoje...

E toda gente achava graça nas histórias do Fulgência Mocotó.

Findara o inverno. Toda terra se vestira no verde-claro dos mameleiros, no verde-negro das oiticicas. A várzea era um ondulação de verdura rasteira toda sombreada na palpação das asas inquietas. E o vento

trazia o cheiro acre das juremas...

Uma noite muito serena palavra-se na casa do Coletor, quando Fulgêncio precipitou-se de sala a dentro:

-Estou mordido! Depressa! Um remédio! Pelo amor de Deus! Aviem! Depressa! Estou mordido!

Uma gargalhada foi a resposta. Fulgêncio insistia mostrando a mão riscada de rubro:

-Olhem! Olhem! Estou mordido. Agora é serio. Estou mordido...

E todos riram mais. O doutor Fontes, médico ambulante, quis ir buscar uma injeção. Quimquim Coletor segurou-o:

-Não vá, doutor. Isto é vadiação deste moleque. O senhor se vexa, eu também, todos nós e ele, daqui a pouco, cai numa risada sem fim, mangando de nós todos...

Fulgêncio Mocotó estava pálido. Muito pálido. Levemente rugava-se-lhe o rosto imberbe e liso. O suor camarinhava-lhe a fronte.

A camisa estava colada no corpo. Sentou-se, gemendo, numa cadeira. Rodando os olhos apavorados implorava ainda:

-É sério. Estou mordido. Vou morrer. É sério, gente.

A voz arrastada e tardia era um resfolegar ansiado e rouco. Abrindo convulsivamente a boca lançava jatos de saliva espessa e amarela. Em volta, os matutos, num riso parado e sarcástico, esperavam o costumado desfecho.

Fulgêncio pedia água. Ninguém lh'a foi buscar. Queriam prolongar a brincadeira. Sabiam que ele se arrojaria espumado no chão. Daí a pouco o alegre rapaz não pode estar sentado. Convulsões fortes sacodiram-lhe o corpo. Caiu de bruços. Voltou-se, lentamente, gemendo, estertorando, babando, uivando de pavor. E todos riam em torno...

Depois os olhos de Fulgêncio se abriram mais e mais. Eram dois grandes olhos negros, reluzentes, faíscando. Foram, devagar, devagar se embaciando como se um hálito os bafejasse de perto. Sacodiu-se levemente, esticou-se. Um segundo seus calcanhares feriram o solo num bate-bate aflitivo. Abriu duas vezes a boca num bocejo tremendo. Fina e viscosa baba escorreu-lhe dos lábios entreabertos. Inteiroçou-se e ficou imóvel.

Os matutos riam, riam. Mas, estava demorando o fim. Vicente sacristão aproximou-se de Fulgêncio, gritando:

-Acaba com isto. Brincadeira comprida não tem graça. Levanta.

Estendeu-lhe a mão. O engraçado continuou quieto. Chegaram para perto. Quinquim Coletor curvou-se, olhou, olhou, ergueu-se, empurrou-lhe o corpo com o pé, tornou a mirá-lo, segurou-lhe a mão e, virando os olhos espavoridos, entre assombrado e curioso, disse para os derredor, numa derradeira desconfiança:

-Querem ver que ele morreu mesmo?...



Luís da Câmara Cascudo

Francisco Cascudo

Francisco Cascudo - O Coronel Cascudo - foi uma das figuras mais populares de Natal. Popular e querido, querido mesmo pela bondade do seu coração.

Já conheci-o capitalista, alto comerciante, político, conselheiro do Governo, organizado, prestando serviços relevantes à causa comum e especialmente ao próprio povo.

Mesa farta, para os amigos; dadivoso, gostando mais de distribuir do que de receber, Cascudo gozava de ilimitado prestígio popular.

Para provar esse prestígio basta citar o fato de que o povo uma vez revoltou-se contra a Companhia Força e Luz, detentora, na época, dos serviços urbanos dirigida por San Juan e cujos serviços estavam abaixo de pessimos. Os bondes andavam, ai, desmantelados, sem freios. Um dia, por deficiência de "breque" um bonde matou uma velha, em plena Avenida Rio Branco.

O povo revoltou-se e, com o entusiasmo daquele tempo, derramou querosene em cima do "elétrico" e deitou-lhe fogo.

À vista das chamas, já planejavam queimar os outros bondes, um por um, até o último.

A policia, assistindo a revolta que contava já com a adesão espontânea da população

inteira, via-se impotente para conter a "massa" desenfreada.

Foi quando apareceu o Coronel Cascudo e, tomando conhecimento do que se passava, resolveu o assunto, com a sua palavra incisiva e enérgica:

"-O povo já havia revidado, como de direito, o descaso da Companhia...fizera bonito e agira com o coração. O Governo estava com o povo. Mas, continuar as depredações, seria insensatez.

O prejudicando seria o próprio povo. Para vindita, bastava o que já fizera...

Que agora o povo dispersasse..."

A Peroração de Cascudo foi rápida e incisiva.

E o povo dispersou.

Cascudo, na época, foi o homem mais influente de Natal. Tanto assim que, um advogado, n o s s o conterrâneo, homem que em nada honrava a Faculdade que lhe dera o diploma, ao ser-lhe perguntado qualquer obrigatoriedade determinada em lei...como, por exemplo: - "quanto levaria de selo uma petição dirigida ao Diretor da Alfândega" - se pejava em



DINÂMICO

O Cursinho de Cara Nova

20 anos de experiência

Rua Apodi- Cidade Alta - Fone: (084)222 - 0992

responder:

-Eu mesmo, não sei, não! Mas Cascudo sela com mil e duzentos...

Há também na vida do Coronel Cascudo um fato notável de sagacidade e inteligência, pouco conhecido.

Como homem de influência, amigo de todos, pessoa de confiança do Governo, era chamado sempre para resolver casos políticos mais das vezes tendo de se locomover para o interior, afim de solucionar dissídios ou dissensões...

Desta vez, o Governo recebera um alarmante telegrama de Nova-Cruz, dando a oposição como amotinada, pronta para depor o Prefeito à força e tomar conta do poder. Uma enrascada danada.

O Governo entrega o telegrama ao Coronel Cascudo, que se prontifica a ir a Nova Cruz resolver, pessoalmente, o caso.

Mas, Cascudo também gostava de fazer pilhérias e, já neste cuidado, convidou o seu amigo Antônio Mil Homens, para acompanhá-lo nessa empresa.

E antevendo o resultado do que premeditara, passou um telegrama urgente para o delegado policial de Nova Cruz:

" Sigo trem, amanhã, em companhia Mil homens".

Somente este telegrama resolveu o assunto. Os "revoltosos", julgando mesmo que o Coronel levava era um batalhão de polícia, com mil homens, trataram logo de se por ao largo.

E, no outro dia, quando o Coronel chegou lá e saltou na estação cheia de gente, apenas em companhia do seu amigo Mil homens, era que os seus amigos, os amigos do Governo, riam, achando graça no logro em que teriam caído os inimigos "fujões".

Porém, há um fato na vida do Coronel Cascudo, que quase todo mundo ignora e que,

entretanto, foi a maior prova da sua boa fé, da pureza do seu caráter, da grandeza de suas atitudes corretas.

Como comerciante, proprietário da maior casa de ferragens de Natal, - "O Cometa" - fornecia a todo o interior do Estado, a crédito, faturas grandes. E o interessante é que os pedidos enviados não cingiam-se somente aos artigos do seu comércio. Registravam também outras mercadorias, que Cascudo mandava adquirir na praça e incluir nas faturas, sem alteração de preço. Como comerciante grossista, tinha ele sempre grandes somas e receber, referentes a esses fornecimentos...

Foi quando o Governo Federal aprovou a lei de contas assinadas. Esses débitos, atualmente registrados apenas em "contas correntes", teriam de ser cobertos com a emissão e devida aceitação das duplicatas.

Mas, Cascudo, em vez de se aproveitar das garantias da lei, resolveu acreditar nos amigos...

E, em carta, comunicando a aprovação e obrigatoriedade da lei, já dizia aos fregueses que continuassem eles descansados, que o crédito de sempre estaria aberto, não a troco de duplicatas, mas da palavra".

Mal pensava ele que os "cabelos de bigodes", antigos afiançadores da palavra empenhada, já não existiam.

E os amigos o enganaram.

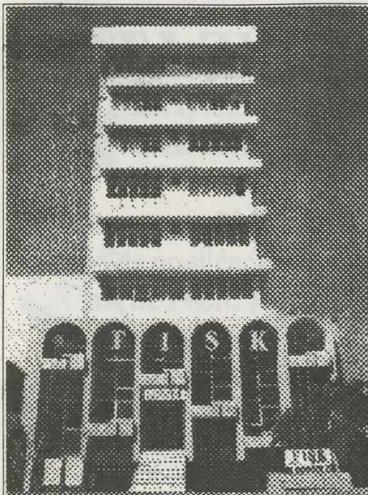
Cascudo, já com a fortuna abalada, jamais queixou-se de nenhum. Jamais moveu quaisquer ação para receber as contas. Jamais falou no assunto.

Guardou para si próprio, ou talvez esqueceu, a mágoa provinda da ingratidão com que os "velhacos" tinham acolhido a sua grande prova de confiança e de amizade...

E morreu nobre, como vivera...

João de Amorim Guimarães

Transcrito do Livro Natal do Tempo, Natal, 1952.



AGORA É A SUA VEZ.

Internet

Transporte gratuito
em horários especiais

Amplo estacionamento

LIGUE

222 - 7114

FISK

Inglês & Espanhol

À PARTIR DE JUNHO
NOVO ENDEREÇO

Rua Açú, 394 - Centro
Natal/RN - Fone: 222-7114

Os Cantões

Um dos costumes mais interessantes de uma parte da população natalense das últimas décadas do século passado e primeiros anos do presente, foi a instituição do Cantão, local onde se reuniam grupos de intelectuais, funcionários públicos graduados, políticos e comerciantes.

Diariamente, um grupo de amigos, sem número definido, se encontrava na calçada da residência de um deles - sempre o mesmo - e colocadas as cadeiras estava reunido o conclave.

Havia vários Cantões na cidade, cada um com seu feitio próprio, localizados nos dois bairros existentes: Ribeira e Cidade Alta.

Na Cidade Alta eram bastante concorridos os seguintes Cantões: da Gameleira, o mais antigo e temido pela crítica sempre ferina, situado à Praça da Alegria, atual Praça Padre João Maria. O núcleo do Cantão, a casa de Joaquim Guilherme de Souza Caldas, Inspetor do Tesouro, abrigava o "Grupo da Gameleira", facção do partido conservador, liderada pelo padre João Manoel de Carvalho três vezes deputado provincial e duas vezes deputado geral, 1873-76 e 1886-89. Faziam parte, ainda, do "Grupo da Gameleira", alusão a maior e

mais frondosa árvore da praça, José Bonifácio da Câmara, Francisco C. Seabra de Melo e Manoel Porfírio de Oliveira Santos, figuras exponenciais da Política Potiguar.

Na antiga Rua Nova, atual Avenida Rio Branco, em residência de Urbano Hermilo, funcionário da Fazenda, existia outro Cantão com a característica de excluir a política da sua discussão, cuidando apenas de arte e literatura. Os freqüentadores habituais eram:

Alberto Maranhão, Henrique Castriciano, Manoel Dantas, os irmãos Celestino e Segundo Wanderley, Pinto de Abreu e Pedro Soares.

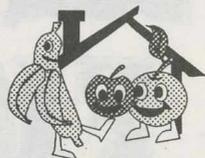
Outro Cantão bastante freqüentado era o da residência do Bacharel e Magistrado

Federal, Celestino Wanderley, na Avenida Junqueira Aires, de predominância familiar, pois era freqüentado por Senhoras e Senhoritas. Despontavam neste grupo, João Nepomuceno Seabra de Melo, Juvenal Lamartine e Manoel Coelho, entre outros.

Na mesma avenida onde morava Celestino Wanderley existia outro Cantão, o da residência do coronel Gaspar Monteiro, irmão do jornalista e político



Ki-tanda



FRUTAS, VERDURAS, CARNES,
MEL DE ABELHA E ENGENHO,
OVOS CAIPIRA, GALETO, PRODUTOS DO SERTÃO,
FRIOS, BISCOITOS E DOCES CASEIRO

Av. Antonio Basilio, 2703 - Lagoa Nova-
Tel.: 206 - 5612 - Natal - Rio Grande do Norte

CASA DO PEIXE LTDA



Camarão, Peixe, Lagosta,
Carne de Caranguejo,
Marisco, Ostra e Etc.



Ney Aranha Marinho Júnior
Sócio Gerente



Rua São João, 4 (Canto do Mangue) - Rocas - Natal/RN
Tel.: (084) 221-4917 / 982-2085

Tobias Monteiro, onde se reunia um grupo pouco numeroso, porém selecionado, destacando-se Westremundo Coelho, Umbelino Melo e Nascimento Castro. Discutia-se predominante a luta política.

Não muito longe dali, na Rua da palha, atual Vigário Bartolomeu, existia o Cantão da Potiguarânia, nome de um bilhar de Ezequiel Wanderley. Era

o Cantão mais descontraído da cidade, freqüentado na sua maioria por jovens, que trocavam idéias sobre arte, literatura, jornalismo, tudo, enfim, que no momento atraísse a atenção da cidade. Freqüentavam religiosamente este Cantão: Uldarico Cavalcante, Antônio Marinho, Gothardo Neto, Sebastião Fernandes, Ferreira Itajubá, Pedro Melo, Aurélio Pinheiro, Cícero Moura, Celestino e Segundo Wanderley, José Pinto, Francisco Palma, entre outros.

Na Ribeira, existiam dois Cantões: o da farmácia do comendador José Gervásio de Amorim Garcia, localizada na antiga Rua do Comércio, atual Rua Chile e outro nas proximidades do Hotel Internacional, o mais importante da cidade, situado à Avenida Tavares de Lira, esquina com a Rua do Comércio. Ambos eram eminentemente políticos e tinham entre os seus freqüentadores as figuras

de Augusto Leopoldo, Antônio de Amorim Garcia, Francisco Amintas da Costa Barros, membros do "Grupo da Botica", alusão à farmácia de Zé Gervásio, que sediava as reuniões da facção do partido conservador, liderada pelo Dr. Tarquínio Braúlio de Souza Amaranto, três vezes deputado Geral, que fazia oposição ao "Grupo da Gameleira", desde a morte do chefe do partido conservador,

Cel. Bonifácio Francisco Pinheiro na Câmara, ocorrida no ano de 1884, quando o partido conservador no Rio Grande do Norte, ficou dividido em duas facções: a do "Grupo da Gameleira" e a do "Grupo da Botica".

João Gothardo Dantas Emerenciano

FONTES

"Natal de ontem" de Pedro de A. Pessoa de Mello. In: Revista da Academia Norte-Riograndense de Letras. Ano XIX, nº8.
"Joaquim Guilherme", de Luis da Câmara Cascudo - In: O livro das Velhas Figuras, vol.2, Natal, 1976.

SEBO
CATA
LIVROS

Compra
Vende
Troca
Lp's, Livros e Cd's

Rua da Conceição, 617 - Cidade Alta - Rua Vaz Godim, 86 - Cidade Alta

VELEADOU
OLEGÁRIO
MANDATOVIVO

Música popular & Prática Médica



O cantor Sílvio Caldas, falecido recentemente, e o médico Grácio Barbalho

A época em que a música popular brasileira era, em grande parte, valorizada pela voz romântica dos cantores de rádio - notadamente nas décadas de trinta e quarenta - assinalaram-se, como gêneros mais representativos, a marchinha, o samba e a valsa cantada.

De um modo geral, as letras dos sambas e marchas, executando algumas do repertório de autores intelectualizados não tinham o preciosismo que vemos nas composições de hoje certamente porque, em sua espontaneidade, procuravam destacar o componente melódico, uma presença necessária às músicas daquele tempo.

Esta simplicidade de conceituação não impediu, entretanto, que fossem registrados, sobretudo às custas da marchinha - não só a carnavalesca como a de "meio de ano" - , os mais variados flagrantes do comportamento social tais como usos e costumes, vigência de ditos populares, imposições e flutuações da moda, os degraus da política, a fixação de acontecimentos, disputa pela preferência de históricos, sem esquecer a disputa pela preferência de atributos femininos, as inovações postas em cenário e a análise diversificada da própria condição humana.

"O dinheiro na música popular brasileira", "O

bonde nas músicas de carnaval", a apologia do trabalho versus malandragem, a disputa Loura/mulata/morena, registro musical das revoluções de 1930 e 1932, bem como "Getúlio Vargas e a música popular", foram alguns dos temas já analisados pelos pesquisadores.

Em sentido geral, a abordagem do que a nossa música popular fixou em relação à prática médica ainda está para ser feita. Há poucos anos, com o patrocínio do Laboratório Roche e da Fundação Roberto Marinho, foi lançado o disco "Memória da Farmácia". Na colaboração que nos foi solicitada referimo-nos apenas à preferência dos compositores por uma temática entre a medicina científica e o universo espiritual. Citando como exemplos os sambas "Não há doutor que dê jeito", "Obrigado, Doutor" e "Ninguém me compreende", dizíamos: a tristeza, o tédio e sobretudo, o que os compositores rotulam de "mal de amor", simplesmente não podem ser vencidos pela ciência nem, especificamente, pelos recursos médicos: o doutor, o cientista, o medicamento, fracassam ante o desafio do "mal de amor", que não tem cura".

Mais amplo e, sem dúvida, multiforme é, entretanto, esse encontro entre a música popular e a medicina. No período que estamos analisando alguns

poucos exemplos começam com o compositor Lamartine Babo glosando o Dr. Voronoff, médico russo que propõe o rejuvenescimento pelo enxerto, em velhos, de glândulas de macaco, passam pelo "Drama da Angélica" com o seu "mal atávico" que desafiou todos os recursos médicos, mostram o erro de Noel Rosa em seus conhecimentos de fisiologia quando atribui ao coração a transformação do sangue venoso em arterial e chegam ao uso dos medicamentos polivitaminados como complementação à dieta tonificante das crianças.

Em 1937, um choro cantado (gênero em voga na época), gravado pelo cantor Almirante, traz a defesa do médico ante as investidas do charlatão e, mais precisamente, do remédio caseiro. A composição, cuja letra vamos apresentar, fez algum sucesso quando de seu lançamento. Seus autores, que não eram médicos, pretendem, de certo modo, valorizar o profissional, não sabemos se por inspiração natural da veia satírica ou por insinuação de algum doutor amigo.

Vejamos então o que aconteceu com o cliente que, por economia desnecessária (morava em bangalô), só recorreu ao "especialista" quando o caso se complicou de forma irreversível:

I

Pelo costume de beber gelado
Apanhei um resfriado
Que foi um horror
Porém com medo de fazer despeza
Tive a franqueza
Não fui ao doutor
(Pra me curar)
E tudo quanto foram me ensinando
Eu fui tomando
Cada vez pior
E quem quiser que siga o tratamento
Pois se não morrer da cura
Ficará melhor

II

Tomei de tudo, escalda-pé
Chá de Limão.
Até chá de alcatrão
E nada me faltou
Tive dieta de caldo de galinha
O galinheiro da vizinha
Se evaporou
E tive febre, tive tosse,
dor no peito
Até fiquei daquele jeito
Sem poder falar
Foram então chamar um
especialista
Que pediu dinheiro à vista
Pra poder me visitar

III

No bangalô porém choveu
a noite inteira
E eu debaixo da goteira
Sem ninguém saber
A ventania arrancou zircos
do telhado
Me deixou todo molhado
Quase pra morrer
Sá Guilhermina quis me
dar um lenitivo
Então me fez um curativo
Eu fiquei jururu
E foi chamado finalmente
um sacerdote
Pra me encomendar um lote
De dez palmos no Caju.

Grácio Barbalho.

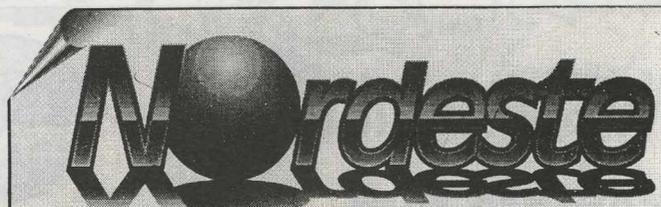


Galvão Mesquita

Ferragens, Ferramentas, Material Elétrico, Aços Redondos,
Tubos e Conexões Plásticas, Galvanizadas e em Ferro (Barbará),
Chapas, Barros e Cantoneiras em Ferro, Soldas Elétricas,
Cabos de Aço, Sisal e Polietileno

Tel.: (084) 211-5180
Fax: 222-1500

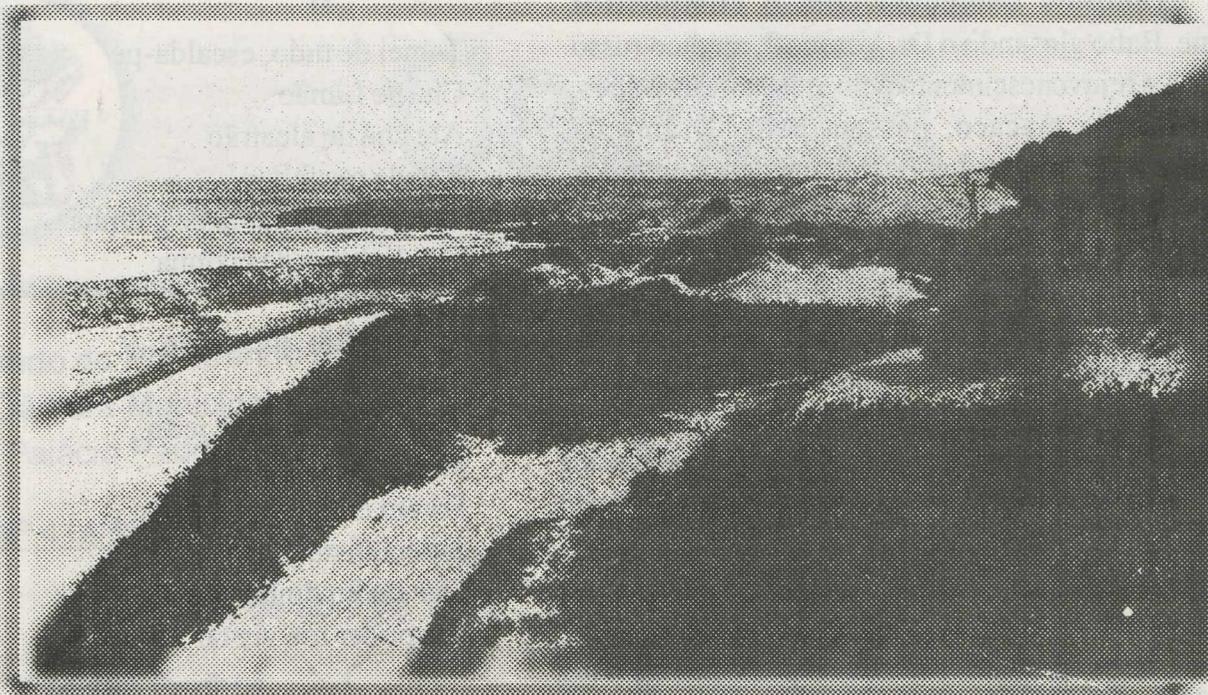
Rua Dr. Barata, 217 - Natal-RN



EDITORA GRÁFICA

Serviços Gráficos em Geral

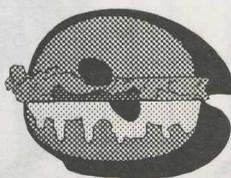
Rua Padre João Manoel, 520 - Tel.: (084) 222-1461
Natal - RN



MORRO DO PINTO - AREIA PRETA - NATAL

Praia de Areia Preta nas décadas de 20 e 40

No seu caminho
sempre tem



O SANDWICH

**DISK
SANDWICH**
236-2667
202-2109

Segunda abre de 16:00hs até 1:00h
Terças e Quintas das 12:00hs até 1:00h
Sextas e Sábados das 12:00hs até 5:00hs da manhã
Domingos e Feriados: das 12:00hs até 3:00hs.

Shopping Center Cidade Jardim - Loja 14
Av. Afonso Pena, 433 - Petrópolis
Estrada de Ponta Negra, 9090
Via Direta Outlet Shopping - Loja J4